

galeria nara roesler tomie ohtake

Tomie Ohtake desafia o olhar em pinturas inéditas na terceira mostra da Galeria Nara Roesler Rio de Janeiro

Uma das mais importantes artistas em atividade, a centenária nipo-brasileira Tomie Ohtake mostra sua produção recente na terceira exposição produzida pela Galeria Nara Roesler Rio de Janeiro. Uma nova forma de explorar a monocromia é o que se vê nas pinturas ainda inéditas, que ocuparão o espaço localizado em Ipanema.

Tomie Ohtake é a expressão máxima da abstração informal, avessa ao construtivismo, em que o silêncio e o ritmo extraídos do minimalismo, mesmo quando usa a geometria, erradicam a percepção assertiva da tradição brasileira nesse gênero.

Seja por pinceladas aparentemente caóticas que tornam os elementos quase mesclados ao fundo, seja na concisão do gestual quase invisível em figuras que sobressaem na monocromia ou bicromia, a artista consegue imprimir subjetividade e sutileza em seus trabalhos.

Na obra de Tomie, a pesquisa é pela possibilidade pictórica de surpreender o olhar. A materialidade que surge na densidade da tinta e no registro da pincelada visível não é determinista, tampouco dominadora. É, antes, a expressão da relação do olhar com o mundo.

Segundo Paulo Myiada, em seu texto para a mostra, "encontramos, por exemplo, uma tela quadrada, toda preenchida por texturas feitas com massa pigmentada,

abertura

15.10.2014 19h > 22h

exposição

16.10 > 22.11.2014

seg > sex 10h > 19h

sáb 11h > 15h

galeria nara roesler

rio de janeiro

rua redentor 241

ipanema 22421-030

rio de janeiro rj brasil

t 55 (21) 3591 0052

www.nararoesler.com.br

info@nararoesler.com.br

assessoria de imprensa

agência guanabara

t 55 (11) 3062 6399

diego sierra diego@agenciaguanabara.com.br

laila abou

laila@agenciaguanabara.com.br

dentro da qual enxergamos uma forma arredondada, mais ou menos quadrada, inclinada na composição. Viramos um pouco para o lado e olhamos de novo para a tela, agora para enxergar um volume comprido mais ou menos oval, inclinado do canto direito para o canto esquerdo da tela. Então, um passo atrás, mais um desvio de olhar, e não reconhecemos mais nenhuma forma proeminente (...)"

"Frente a uma mesma tela, portanto, o observador pode ficar em dúvida sobre o que está vendo, oscilar entre um polígono e uma mancha, como oscila aquele que olha para a boca da *Monalisa*". Se na relação entre fundo e superfície, pincelada, volume de tinta e cor, a artista já explorava o *trompe l'oeil*, com o uso da monocromia ela potencializa esse efeito, a exemplo do que já vinha sendo apontado pelas séries exibidas na sede da galeria, em SP, no ano passado.

Sobre a mostra de 2013, Agnaldo Farias escreveu: "A busca persistente da purificação, do desbastamento de tudo quanto seja supérfluo, reduzindo sua expressão ao estrito para obter o registro mais elevado, afigura-se como principal ensinamento que a extensa trajetória de Tomie Ohtake oferece à arte brasileira (...)"

Agora, a artista desafia a questão da percepção visual, com suas sutilezas e seus enganos, de forma atual dentro de sua trajetória. Consegue ir além em termos de economia de elementos para o máximo de efeito visual, em que nada parece ser definitivo e tudo muda de acordo com o ângulo de observação.

"Os cegos agora somos nós, que precisamos apalpar a pintura com a ponta dos olhos. A pintura, então, ganha sentido háptico, quer dizer, qualidade tátil. Não é algo inédito na história da pintura, mas o motor de Tomie Ohtake não está nesse tipo de novidade: trata-se de um jogo com o espectador que abre novas possibilidades de experimentação pictóricas para uma obra que segue se renovando há mais de seis décadas, e isso mobiliza a artista a continuar trabalhando", diz Myiada. Centenária, a artista não para de produzir e de se reinventar, mantendo aceso o debate pictórico na arte brasileira.

sobre a artista

Japonesa de Kyoto, Tomie Ohtake nasceu em 1913, e hoje vive e trabalha em São Paulo. Participou de inúmeras bienais, como a Bienal de São Paulo, Brasil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998 e 2003); XI Bienal de Veneza, Itália (1972); 1ª e 2ª edições da Bienal Latino-Americana em Havana, Cuba (1984, 1986), entre outras. Suas exposições coletivas recentes incluem: *Vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *FUSION: tracing Asian migration to the Americas through AMA's Collection* (Art Museum of the Americas, Washington, EUA,



sem título, 2014
acrílica sobre tela
150 x 150 cm



sem título, 2014
acrílica sobre tela
100 x 100 cm



sem título, 2014
acrílica sobre tela
150 x 250 cm

2013); *Mulheres* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2012); e *Um século de arte brasileira, Coleção Gilberto Chateaubriand* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2006). Suas mais recentes exposições individuais são: *Um fluxo das formas* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Pintura e pureza* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); e *Pinturas cegas* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2012; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011).